

Melancólico sopro de vida: a poética de Sylvia Plath e a humanidade confessional

Melancholic life blow: Sylvia Plath's poetry and confessional humanity

Cassiane dos Santos Alcantara¹
Manoel Barreto Júnior²

RESUMO: Este subprojeto pretende discutir as relações da melancolia, como matéria lírica, na dicção poética de Sylvia Plath (1932-1963), sobretudo, quando esta revela aspectos do processo de humanização, a partir de um tom confessional a manifestar inquietações existenciais, como temas recorrentes aos artífices da palavra poética na modernidade. A partir deste recorte, o entendimento de humanização que este trabalho acolhe perpassa em trazer o homem de volta a si mesmo, aspecto possível através do aparato poético, na medida em que possibilita observar empenhos da função humanizadora, como uma das formas de resistência e sobrevivência primordial na lírica plathiana ante aos valores utilitaristas da modernidade. Por este olhar, e, através de leituras contextuais de poemas representativos de Sylvia Plath evidencia-se a metodologia de caráter bibliográfico-documental; buscam-se evidências entre a representação da melancolia, como palavra-destroço, e a humanidade, como categorias suplementares, embora aparentemente opostas. Portanto, para a fundamentação teórica dessa investigação foram utilizadas as reflexões de Paz (2018; 2019), Bosi (2000), Freud (2016) e Dos Santos (2009). Com base nos quais também foram analisados os poemas *Elm*, *Event* e *Jiltid* da poeta Sylvia Plath. Assim, a desagregação do eu-lírico plathiano transparece em versos, de modo a revelar a concepção do humano pela lente do que parece impossível.

Palavras-chave: Representações da melancolia; Sylvia Plath; Humanidade confessional; Poética anglófona.

ABSTRACT: This subproject aims to discuss the relationships of melancholy as a lyrical subject in the poetic diction by Sylvia Plath (1932-1963), especially, when it reveals aspects of the humanization process, through a confessional tone expressing existential concerns, such as recurrent themes in poetic modernity. From this perspective, the understanding of humanization that this work consents is to bring man back to himself, possible aspect through poetic apparatus. This humanizing function of poetry is one of the ways in which it survives in contemporary society, a form of resistance to the utilitarian values of modernity. From this point of view, and through contextual readings of representative poems by Sylvia Plath, this work seeks evidence between the representation of melancholy, as a "wreck-word", and humanity as supplementary, though apparently opposite categories through bibliographic-documentary methodology. Therefore, for the theoretical foundation of this investigation were used the reflections of Paz (2018; 2019), Bosi (2000), Freud (2016) and Dos Santos (2009). Based on which the poems *Elm*, *Event* and *Jiltid* by poet Sylvia Plath were also analyzed. Indeed, the disintegration of the plathian lyric self transpires in verse so as to show the conception of the human through the lens of what seems impossible: the poetic word.

Keywords: Representations of melancholy; Sylvia Plath; Confessional humanity; Anglophone poetry.

Sociedade corrida: um sujeito atarefado

Conforme Bosi (2000), o poder de nomear é um fundamento da poesia e o poeta é o doador de sentido. A tal questão, Paz (2019), alude que não toleramos a carência de

¹ Graduanda do curso de Letras, Língua Inglesa e Literaturas, *Campus II* Universidade do estado da Bahia – UNEB. e-mail: cassissi10@gmail.com

² Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Lotado no Colegiado de Língua Inglesa e Literaturas – *Campus II*. e-mail: mbjunior@uneb.br

sentido e tudo que o homem toca é tingido de intencionalidade, de significados. Desse modo, através da poesia se conhecia a história de um povo, uma vez que, por intermédio dela o poeta contava a história. O mundo e os deuses faziam-se conhecidos por meio dos versos. Porque o próprio homem, o próprio poeta nomeava os seres, dava sentido a sua existência através da poesia, como se pode observar nos mitos gregos e nas palavras sagradas.

Contudo, os tempos mudam e assim os valores. De forma que, se antes a poesia integrava-se na vida do homem mostrando-lhe quem ele era, de onde veio, dando maior sentido à sua existência; na contemporaneidade o espaço da poesia é restrito, pois os valores modernos e pós-modernos são outros e são eles que dão sentido à vida humana no nosso tempo. Assim, a poesia, sobrevive num entre-lugar, que se revela como um espaço pouco explorado tanto quando acontece alheia à vontade humana, na beleza das paisagens, por exemplo. Aspecto que Paz (2019) chama de poético, quanto quando tocada pela mão do homem, no poema. E isso ocorre porque já não temos mais tempo, ou não sabemos utilizá-lo para contemplar a vida em suas constantes transformações.

Vivemos em uma sociedade, na qual, sempre estamos atarefados, correndo contra o tempo. Às vezes, mal temos tempo de atender as nossas necessidades mais básicas, tais quais, dormir, comer, amar. A proatividade, produtividade e velocidade, são valores que circundam o mundo contemporâneo, advindos do sistema econômico e financeiro em que vivemos. É necessário aprimorar-se para não ficar para trás, é preciso ser capaz de realizar os afazeres diários eficientemente, e por vezes, a interioridade, aquele momento de parar e pensar, ou de perceber a beleza que está a nossa volta, tão caro a poesia, é deixado de lado.

Contudo, Paz (2019) alude que a poesia é experiência, sentimento e emoção. Aliado a tal questão Bondía (2002), observa que a experiência é aquilo que nos passa, nos acontece e nos toca, mas a experiência é cada vez mais rara, porque dentre outros motivos, já não temos tempo para nos deixar ser tocados. Pois o sujeito moderno, e por influência dos mesmos valores, o sujeito contemporâneo “é um sujeito que usa o tempo como um valor ou como uma mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo [...], por isso mesmo, por essa obsessão por seguir o curso acelerado do tempo, este sujeito já não tem tempo.” (BONDÍA, 2002, p. 23). Portanto, já não nos deixamos ser tocados pela poesia, na medida em que a velocidade das informações que nos são oferecidas, por

vezes não refletidas, e a velocidade com que temos que realizar nossos afazeres nos mantém ocupados, distraídos e até mesmo alienados.

Essa velocidade não favorece a reflexão provocada pela poesia. De acordo com Bauman (2001), em “Modernidade líquida”, o pensamento demanda pausa e descanso, precisamos tirar nossa mente da tarefa em curso por um tempo para examiná-la com sabedoria. E refletir, por sua vez, Candido (2011), faz parte dos traços essenciais ao homem, imprescindível à vida humana. Porém, em favor da velocidade contemporânea esquecemos-nos da nossa própria humanidade negligenciando nossas necessidades básicas e nossa capacidade de reflexão, bem como nossos sentimentos, deixando, portanto, pouco espaço para a poesia na nossa vida. No entanto, é nesse ambiente hostil que a poesia procura meios para resistir, pois como nos diz Bosi (2000, p. 167), “se não há caminho, o caminhante o abre caminhando [...]”.

Melancolia; a resistência poética e a humanização:

De acordo com Bosi (2000) há muito tempo que a poesia não consegue se integrar aos discursos correntes da sociedade. Então vêm as formas estranhas como ela sobrevive, as saídas difíceis: “o símbolo fechado, o canto oposto à língua da tribo, antes brado ou sussurro que discurso pleno, a palavra-esgar, a auto desarticulação, o silêncio.” (BOSI, 2000, p. 165). Aspecto que indica que a poesia precisa se ressignificar para sobreviver. Se antes os valores sociais a integrava, hoje ela sobrevive contrariamente a eles. Então, um dos meios de resistir na sociedade pós-moderna é “o canto oposto a língua da tribo”, sobre o qual esse trabalho se dedica. Pois é através da ressignificação de sentimentos/estados muitas vezes associados ao negativo, considerados indesejáveis pela nossa sociedade, como a melancolia, que a poesia resiste e assim humaniza o homem novamente.

Sob tal perspectiva, a melancolia, enquanto representação poética, é conforme Freud (2016), um sofrimento doloroso causado por uma perda ideal e inconsciente. O que significa que se um indivíduo perde algo de concreto, não é essa perda em si que causa a melancolia, mas o que de ideal foi perdido como, por exemplo, um objeto de amor e tudo de inconsciente em volta disso, o que essa perda ideal representa e o melancólico não sabe, a qual o ego se liga. Já para Dos Santos (2009), a melancolia, está ainda relacionada à nostalgia, tristeza e a angústia, tristeza profunda. Por isso e pelas

características anteriores é associada ao negativo, logo, é considerada nesta investigação como palavra-destroço, pois os indivíduos a rejeitam.

Todavia, ainda conforme Dos Santos (2009, p. 22): “De qualquer lugar que fala, a melancolia diz respeito às vicissitudes da existência humana sobre a Terra [...]”. Assim, justamente, porque faz parte da existência humana, já que é possível que a experienciemos, pois quando a poesia acontece em plenitude ela humaniza. Por este olhar, a poesia atende ao nosso anseio humano de significação quando tocada pela mão do poeta: “O poema acolhe o grito, os trapos vocabulares, a palavra gangrenada, o murmúrio, o ruído [...]. Hoje a poesia não pode ser destruição e sim busca do sentido” (PAZ, 2018, p. 120).

Dessa forma, a poesia acolhe as palavras rejeitadas, como a melancolia, e através da representação delas, nos revela que nossa vida não é apenas correr contra o tempo, a fim de realizarmos nossos afazeres diários, mas também, que somos humanos, seres com sentimentos, que choramos nos sentimos tristes, angustiados, e até mesmo melancólicos.

Por conseguinte, consideramos humanização nesse artigo à luz (CANDIDO, 2011, p. 180) quando afiança: “o exercício da reflexão, [...] o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, [...] a percepção da complexidade do mundo e dos seres.” É exatamente isso que a poesia nos permite, portanto, nos humaniza. Observamos essa humanização quando Plath consegue representar tão bem em suas obras: *Jiltid*, *Elm*, *Event* entre outros poemas, nos quais as representações melancólicas, muitas vezes metaforizadas em elementos autobiográficos, já que se trata de uma poeta com forte traços confessionais em sua dicção poética.

Sylvia Plath e a poesia confessional.

Sylvia Plath nasceu em 27 de outubro de 1932 em Boston, Massachusetts, EUA. Era filha do professor universitário e especialista em abelhas Otto Plath e da professora de alemão Aurélia Plath. Seu irmão mais novo chamava-se Warren. Plath precisou lidar com a morte do pai ainda na infância, com apenas oito anos. Segundo Rollyson (2015), Otto era um super-herói para Plath, ele a ensinou a pegar zangões, mas também era autoritário e colérico.

Então Plath desenvolveu um conflito interno em relação ao pai: “Eu o adorava e desprezava, e provavelmente desejei várias vezes que morresse. Quando ele me satisfez e morreu, achei que o tinha matado.” (ROLLYSON 2015, p. 88). Essas emoções e experiências foram aproveitadas nos seus vários poemas que envolviam abelhas e em *Daddy* como podemos ver nesses versos: *Daddy, I have had to kill you/You died before I had time.*

Também foi com oito anos que a poeta publicou seu primeiro poema e então seguiu ao longo da vida escrevendo. Estudou na Welley High School University e escreveu vários contos. Estudou na Smith College e estagiou como redatora na revista *Mademoiselle*. Porém, em 1953 tenta suicídio pela primeira vez após um bloqueio criativo. Foi internada e passou por um tratamento de eletrochoques, que aparece metaforicamente no poema *Elm*, no verso: *My red filaments burn and stand, a hand of wires*. A escritora que lidou com a depressão durante toda a vida. Em 1954 estudou Alemão em Harvard e em 1955 gradua-se na Smith College.

Também foi nesse ano que a poeta ganha uma bolsa de estudo para a Cambridge, Inglaterra. Ainda em 1955 conhece Ted Hughes, futuro marido; no ano seguinte casa-se com ele. Tiveram dois filhos. Em 1959 fez curso de poesia com Robert Lowell. Em 1960 a autora publica sua primeira coleção de poemas. Dois anos depois, em 1962, tenta suicidar-se novamente, mas sobrevive, descobre a traição do marido e separa-se dele. A relação conturbada dos dois é representada em poemas de Plath anteriores ao seu suicídio em 23 de janeiro de 1963, como é possível observar nesses versos de *The Detective*: *This is the smell of years burning, here in the kitchen/ These are the deceits, tacked up like Family photographs.*

Robert S. Phillips (1973) em seu livro *The confessional poets*, há poetas cujas emoções retratadas em suas poesias são sempre fiéis aos seus próprios sentimentos; e as convicções que expressão em suas poesias nascem da profunda convicção pessoal. O trabalho desses poetas, segundo o autor, é chamado de Confessional³. Dessa forma, a poesia confessional é um estilo de composição poética, na qual, há a presença da expressão da intimidade da vida pessoal do poeta, através das emoções, experiências, sentimentos e elementos presentes em sua vida que são representados em sua poesia.

³ The emotions that they portray are always true to their own feelings. And the opinions they express are born of deep personal conviction, not currency of literary fashion. The work of these poets has been called "confessional". Phillips, Robert. *The Confessional Poets*. Carbondale and Edwardsville: 1973. p. 1.

Para Phillips (1973) essa escrita é altamente subjetiva⁴, e está em oposição direta a escola literária em que Auden e Eliot fizeram parte.

Sylvia Plath é uma desses poetas. Neste sentido, Plath foi considerada uma poeta confessional após a publicação das primeiras edições da sua coletânea de poemas “*Ariel*” ter sido publicada postumamente: a versão Inglesa publicada em 1965 pela editora Faber and Faber, a versão de bolso americana de 1965 publicada pela Haper Perennial, e a versão americana publicada pela Haper & Row em 1966. Nas versões americanas, o escritor dos prefácios foi o poeta Robert Lowell. Sobre os poemas de *Ariel*, ele escreveu: “Tudo nesses poemas é pessoal, **confessional**, sentido, mas a maneira de sentir é alucinação controlada, a autobiografia de uma febre [...]”⁵ (LOWELL, 1965, p. 7. grifo nosso).

Nessa época, Lowell tinha grande prestígio como poeta confessional, porque sua obra “*Life Studies*” foi, segundo Phillips (1973), o primeiro livro confessional a ter grande audiência após a segunda guerra, sendo o autor até mesmo considerado por alguns críticos como pai fundador do confessionalíssimo, embora não tenha sido ele quem criou o termo⁶. Desse modo, ele influenciou a crítica da época sobre a autora em questão.

A própria Sylvia Plath disse que acreditava que a sua poesia era fruto das experiências de seus sentimentos e emoções. Em entrevista com Peter Orr, chefe do departamento da “British Council’s recorded sound”, a poeta disse⁷:

Penso que minha poesia seja fruto direto da experiência de meus sentidos e da minha emoção, mas devo dizer que não posso ter simpatia por aquele ‘grito do coração’ (...). Creio que se deve saber controlar, manipular as experiências, até as mais terríveis, como a loucura, a tortura [...]. E se deva saber manipular com uma mente lúcida que lhe dê forma. (PLATH. Poemas. 2007. p. 129). (tradução nossa, 2019).

⁴ It is that writing which is highly subjective, which is in direct opposition to that other school of which Auden and Eliot are modern members - writers who strove to all but obliterate their own concrete personalities in their poems” Phillips, Robert. *The Confessional Poets*. Carbondale and Edwardsville: 1973. p. 4.

⁵ LOWELL, Robert. Foreword. In: Plath, Sylvia. *Ariel*. HaperPerennial: New York, 1965. p. vii. (Tradução nossa, 2019).

⁶ O criador do termo: “confessional poetry” foi M. L. Rosenthal em sua resenha crítica: “*Poetry as Confession*.” sobre a obra de Lowell, *Life Studies* em 1959.

⁷ “I think my poems immediately come out of the sensuous and emotional experiences I have, but I must say I cannot sympathize with these cries from the heart [...] I believe that one should be able to control and manipulate experiences, even the most terrific, like madness, being tortured, [...] and one should be able to manipulate these experiences with an informed and an intelligent mind [...]” (Sylvia Plath in *The Poet Speaks*, ed. Peter Orr. London: Routledge & Kegan Paul, 1966, p. 169).

Assim como Lowell chama os poemas de Plath de “alucinação controlada”, ela mesma acredita que se deve saber controlar as emoções e experiências para que a poesia tome forma. Mas a poeta também admite a importância da experiência pessoal nos mostrando, através desse relato que em sua obra há o teor pessoal, característica fundamental da poesia confessional. Essa personalidade é confirmada por Frieda Hughes, filha de Plath, ao prefaciar a versão de *Ariel* 2004:

Acho que minha mãe foi extraordinária em seu trabalho e corajosa em sua luta contra a depressão que a perseguiu por toda a vida. **Ela usou cada experiência emocional** como se fosse um retalho que pudesse ser reunido para fazer um vestido maravilhoso; **não desperdiçou nada do que sentia** [...] (HUGHES, Frieda. Prefácio. In: Plath, Sylvia. *Ariel*. 4º ed. 2018. p. 21. Tradução de Garcia Lopes. (Grifos nossos).

Traços da melancolia na lírica Plathiana

Como elucida Costa Lima, (2017; p.10) “A melancolia admite abordagens bem distintas”. Com base neste excerto retirado do livro *Melancolia* do autor, escolhemos fazer um diálogo com a psicanálise de base freudiana. De tal modo, utilizamos, portanto, o ensaio: Luto e melancolia, do teórico austríaco; e, também, com as reflexões de Dos Santos, (2009) sobre a palavra-destroço e seus sentimentos correlatos, a saber: tristeza e angustia, com o objetivo de entender o sofrimento do indivíduo no estado melancólico.

Como já explicitado, na melancolia de base freudiana, existe uma perda “de natureza mais ideal”. (FREUD, 2016, p. 210). Isso significa que diferente do luto, na melancolia, “objeto não é algo que realmente morreu, mas que se perdeu como objeto de amor”. (FREUD, 2016, p. 210). Além disso, o indivíduo não sabe o que perdeu. E como seu ego incorpora essa “perda” inconsciente e ideal, a autoestima do melancólico é afetada, e, então, ele dirige a si as acusações que deveriam ser direcionadas a esse objeto desconhecido. Por causa disso, o melancólico vê o seu Ego como incapaz de alguma realização e até mesmo moralmente desprezível.

Ainda, de acordo com Freud (2016), pode haver uma desconsideração ou desapontamento proveniente de uma pessoa amada que afeta o melancólico e como característica desse estado, temos a perda da capacidade de amar, pois o ego está ligado ao objeto da perda ideal e inconsciente. Além disso, o melancólico sente um desânimo profundamente penoso, assim, falta-lhe vontade de fazer as atividades diárias, bem como, da sempre a impressão de que se sente desconsiderado e de que foi tratado com grande injustiça; e, em alguns casos, há insônia. Encontramos várias dessas características no

poema *Elm*. Segundo Garcia, R. L e Macedo. C (2018), *ELM* é um poema de Sylvia Plath escrito em 1962, oferecido a sua amiga Ruth Fainlight. Esse é um poema, no qual, há traços de melancolia e seu eu lírico é construído com alguns elementos da vida de Plath, suas emoções e sentimentos, esses elementos encontram-se muito bem articulados no Poema.

Elm

I know the bottom, she says. I know it with my great tap root:
It is what you fear.
I do not fear it: I have been there.

Is it the sea you hear in me
Its dissatisfactions?
Or the voice of nothing, that was your madness?

Love is a shadow.
How you lie and cry after it
Listen: these are its hooves: it has gone off, like a horse.

All night I shall gallop thus, impetuously,
Till your head is a stone, your pillow a little turf,
Echoing, echoing.

Or shall I bring you the sound of poisons?
This is rain now, this big hush.
And this is the fruit of it: tin-white, like arsenic.

I have suffered the atrocity of sunsets.
Scorched to the root
My red filaments burn and stand, a hand of wires.

Now I break up in pieces that fly about like clubs.
A wind of such violence
Will tolerate no bystanding: I must shriek.

The moon, also, is merciless: she would drag me
Cruelly, being barren.
Her radiance scathes me. Or perhaps I have caught her.

I let her go. I let her go
Diminished and flat, as after radical surgery.
How your bad dreams possess and endow me.

I am inhabited by a cry.
Nightly it flaps out
Looking, with its hooks, for something to love.

I am terrified by this dark thing
That sleeps in me;
All day I feel its soft, feathery turnings, its malignity.

Clouds pass and disperse.
Are those the faces of love, those pale irretrievables?
Is it for such I agitate my heart?

I am incapable of more knowledge.
What is this, this face
So murderous in its strangle of branches? ——

Its snaky acids hiss.
It petrifies the will. These are the isolate, slow faults
That kill, that kill, that kill.⁸

Os elementos da vida da autora, nesse poema, começam pelo título. Na frente da casa que Plath morou com o marido em Devon, Inglaterra, havia uma enorme árvore, um Olmo, em Inglês *Elm*, que fazia sombra. O que influenciou a autora a intitular o poema e metaforizar seu eu lírico em árvore em vários versos do poema, como é possível verificar nas estrofes 1^a, 6^a, 7^a, 8^a e 9^a. Na primeira estrofe e nos dois primeiros versos da terceira, é como se o eu lírico estivesse conversando com alguém e confessando-lhe seus sentimentos e dores, tal como um amigo para outro, o que se relaciona com o oferecimento do poema a Ruth Fainlight.

Nas estrofes 2^a, 3^a, 4^a, 5^a o eu lírico parece confrontar alguém, o que pode ter influência das emoções de Plath em relação a sua relação amorosa conturbada com o Marido. Pois nesse ano que Plath escreveu *Elm*, foi o mesmo ano que descobriu a traição do marido.

No poema “*Elm*” encontramos alguns traços de melancolia, como: a impressão de que se sente desconsiderado e de que foi tratado com grande injustiça, nas estrofes 6^a, 7^a, 8^a, 9^a e 14^a. Na 6^a, 7^a e 8^a estrofes, observamos o sofrimento de alguém que perdeu o objeto de amor metaforizado, nas intempéries as quais uma árvore está sujeita. Na 9^a estrofe há uma personificação, pois a lua recebe a característica humana de ter sonhos maus, os quais possuem o eu lírico, ressaltando seu sofrimento. Na 14^a estrofe o eu lírico diz que os erros isolados e lentos matam, novamente ressaltando a desconsideração que passou.

⁸ Plath, Sylvia. *Ariel*. 4^o ed. 2018. Tradução de Garcia Lopes, p. 69.

A melancolia pode ser superada, e quando superada o indivíduo pode fazer tudo que a inibição melancólica não permitia, inclusive, amar novamente, esse estado é chamado mania, mas a melancolia pode voltar. Assim, na 10ª estrofe o eu lírico passa por um rápido estado de mania, no qual pode amar novamente: “Looking, with its hooks, for something to love.” Porém, na 11ª volta a melancolia, na qual o eu lírico fala que há algo mal dentro dele. Mais um traço da melancolia, a baixa autoestima através do auto envilecimento, quando o falar mal de si aparece metaforizado em algo que dorme dentro dos galhos da árvore.

A 12ª e 13ª estrofes se complementam em fazer reverência aos os elementos inconscientes da perda melancólica. Na 12ª o eu lírico pergunta sobre as faces do amor, pergunta-se se é por isso que seu coração se agita, na 13ª diz que é incapaz de mais conhecimento e se pergunta o que é essa face assassina desconhecida. Revelando que o eu lírico melancólico não sabe de fato o que lhe está absorvendo, causando seu sofrimento, apenas suspeita. Ao dizer que é incapaz de mais conhecimento o eu lírico também revela seu ego incapaz de alguma realização, ressaltando a baixa autoestima.

Outro poema plathiano que possui intensos traços melancólicos é *Event*. Identificamos nesse poema a associação da melancólica freudiana com a insônia através elementos da vida poeta.

Event

How the elements solidify! —
The moonlight, that chalk cliff
In whose rift we lie

Back to back. I hear an owl cry
From its cold indigo.
Intolerable vowels enter my heart.

The child in the white crib revolves and sighs,
Opens its mouth now, demanding.
His little face is carved in pained, red wood.

Then there are the stars - ineradicable, hard.
One touch: it burns and sickens.
I cannot see your eyes.

Where apple bloom ices the night
I walk in a ring,
A groove of old faults, deep and bitter.

Love cannot come here.
A black gap discloses itself.
On the opposite lip

A small white soul is waving, a small white maggot.
My limbs, also, have left me.
Who has dismembered us?

The dark is melting. We touch like cripples⁹

Plath teve a primeira filha em 1º de abril de 1960, em 6 de fevereiro de 1961 sofreu um aborto e em 17 de janeiro de 1962, ano que escreveu *Event*, nasceu Nicholas seu segundo filho. No poema, o eu lírico depara-se com uma situação do universo materno e paterno que Plath já estava familiarizada, comum aos seres humanos que tiveram filhos: acordar a noite com o choro da criança, ou com algum barulho que lhe pareceu esse choro.

Podemos ver essa situação nas três primeiras estrofes. Na primeira estrofe os dois primeiros versos, **The moonlight, that chalk Cliff/ In whose rift we lie** (O luar, aquele penhasco de giz/ Em cuja fenda nós deitamos¹⁰), indicam que é noite, momento de dormir e descansar. Observando a segunda estrofe, principalmente nos versos *I hear an owl cry/ From its cold indigo e Intolerable vowels enter my heart*, podemos entender que o choro da coruja, animal noturno, pode ser tanto uma metáfora para o choro noturno da criança que está incomodada com algo, nesse caso seria o frio; quanto pode estar se referindo ao som que a coruja faz, indicando, também que é noite. O som da coruja é tão alto que é chamado de choro, lembra o eu lírico deitado que decide verificar como está seu filho que também estaria chorando, como podemos observar na terceira estrofe.

Ainda na terceira estrofe, as vogais intolerantes, é o choro do bebê, difícil de ser entendido porque a criança ainda não fala, esse choro incomoda, porque o eu lírico quer descansar, mas precisa se levantar e tentar consolar uma criança que se move no berço, suspira, abre a boca, está vermelha de tanto chorar – *red Wood* – e mostra expressões de dor -- *His little face is carved in pained* – pois está incomodada com o frio. Essa situação em que o eu lírico se encontra e que tem íntima ligação com a vida da Plath nos mostra um traço da melancolia freudiana, a *Insônia*. Para Freud “A insônia da melancolia comprova a rigidez deste estado.” (FREUD, 2016. p. 216).

Quando lemos as demais estrofes do poema percebemos que os choros da coruja e da criança são na verdade metáforas sobre algo interno que impede o eu do poema de

⁹ PLATH, Sylvia. *Poems Selected by Diane Wood Middlebrook*. Everyman's Library pocket poets. New York, P. 156.

¹⁰ (Tradução nossa, 2019). Essa e as demais traduções dos versos do poema *Event* que aparecem na análise foram feitas pela autora desse artigo.

dormir. Isso pode ser observado na quinta estrofe, quando o eu lírico expressa: na qual a *flor da maçã congela a noite/Eu ando em um anel/ Um sulco de falhas antigas*, profundas e amargas. O que nos mostra que o eu do poema está machucado, remoendo suas falhas e por isso não consegue dormir. Quando o indivíduo está melancólico sua autoestima está baixa, então ele direciona ao seu ego atitudes moralmente desprezíveis atuais ou antigas e que nem sempre são verdadeiras. É o que acontece com o eu do poema nesse momento.

Outra característica da melancolia aparece no poema. Na sexta estrofe, nos dois primeiros versos, o eu lírico anuncia: *O amor não pode vir aqui/ Um buraco negro se revela*. Dessa forma nos é confessado a característica da perda da capacidade de amar, bem como, o esvaziamento do Ego, através da metáfora “buraco negro”, esse esvaziamento é causado pela baixa autoestima como afirma Freud (2016):

O melancólico nos mostra ainda algo que faltando luto: um rebaixamento extraordinário do seu sentimento de autoestima, um enorme empobrecimento do ego. No luto é o mundo que se tornou pobre e **vazio**; **na melancolia é o próprio ego**. (FREUD, 2016, p. 211. Grifo nosso.).

Por fim, a sétima e a oitava estrofes nos lembram da insônia. Na primeira parte do único verso da oitava estrofe o eu lírico diz: *A escuridão está derretendo*. O que significa que a noite já está passando, o dia vem chegando e ele permanece acordado. Nos últimos versos da oitava estrofe o eu do poema fala: *Meus membros também me deixaram. /Quem nos desmembrou?* Na segunda parte do único verso da oitava estrofe o eu lírico fala: *Nós nos tocamos como aleijados*. Consoante Reimão *et al.* (2008), o sono é responsável pelo nosso desempenho físico e mental, influenciando na nossa coordenação motora. Quando não dormimos nossa coordenação é afetada. Assim, nessas estrofes o eu lírico sofre as consequências da privação do sono.

Como já mostrado, a melancolia tem relação com a tristeza. Essa associação está presente no poema Jilted.

Jilted

My thoughts are crabbed and sallow,
My tears like vinegar,
Or the bitter blinking yellow
Of an acetic star.

Tonight the caustic wind, love,
Gossips late and soon,
And I wear the wry-faced pucker of
The sour lemon moon.

While like an early summer plum,
Puny, green, and tart
Droops upon its wizened stem
My lean, unripened heart.¹¹

Quando lemos esse poema na íntegra, percebemos que o eu lírico passou por um momento de rejeição. E, logo, imaginamos que alguém presente em sua vida o rejeitou, o abandonou, pois assim sugere o título; então no corpo do poema podemos ver as consequências dessa rejeição a melancolia, representada de modo estilístico através do sofrimento, insatisfação e tristeza do eu lírico.

No poema, o eu lírico foi abandonado/rejeitado por alguém que amava, daí podemos concluir isso porque na segunda estrofe “love” é usado como vocativo que, logo, invoca o receptor da mensagem, a pessoa amada. Então podemos perceber que houve real desconsideração, desprezo e desapontamento, como bem nos apresenta Freud, mas o que causou a melancolia é aquilo que o eu lírico não tem consciência, a perda ideal, ou seja, tudo que essa rejeição significou e significa. O que será que aquela pessoa significava? Necessidade de interação social e pertencimento natural a todo ser humano? Amor? Proteção? Sonhos? Ora, são inúmeras possibilidades que podem ferir o ego e causar, portanto, a melancolia, possibilidades que rodeiam a consciência do eu lírico.

Ainda na primeira estrofe nos é mostrado como o eu lírico se sente. A anunciar que seus pensamentos não são agradáveis “*My thoughts are crabbed and sallow*”. Não sabemos exatamente o que o eu lírico está pensando, mas fica evidente um teor melancólico nos versos. Entretanto, pela visão freudiana os pensamentos negativos são direcionados a si mesmo devido à diminuição dos sentimentos de autoestima (Freud, 2016), pois o ego se liga ao objeto ideal perdido inconscientemente, de modo que maldizer a si mesmo é maldizer a esse objeto que o abandonou.

Em seguida o eu poético representa seu sofrimento através da comparação: “*My tears like vinegar*” e as lágrimas indicam que o eu lírico se sente triste. Segundo Dos Santos (2009), a tristeza é uma das consequências da melancolia. “Vinagre”, é como popularmente chamamos o ácido acético ou etanoico, assim através da comparação das lágrimas a essa substância ácida, o eu lírico expressa o quanto intensa é a sua dor, ácidos têm sabor azedo, um tanto quanto desconfortável de sentir, quanto mais fortes são

¹¹ PLATH, Sylvia. *Poems Selected by Diane Wood Middlebrook*. Everyman's Library pocket poets. New York, p. 15.

mais podem causar estrago, corrosão, da mesma forma é a dor, azeda, desconfortável, corrosiva.

Nos outros dois versos as lágrimas novamente são comparadas a algo, “*Or the bitter blinking yellow/ Of an acetic star*”, assim como o vinagre, “*bitter*” intensifica a tristeza, ao dizer que as lágrimas são amargas o eu lírico se sente assim, amargo. Ao chamar a estrela de acética, temos a mesma conotação de azedume, acidez do vinagre.

Na segunda estrofe o eu lírico chama o vento de cáustico, adjetivo cujo significado é aquele(a) que queima, causa irritação, corrosão; ou, ainda, em um sentido mais abstrato, significa maneira amarga, prejudicial e cruel de criticar. A característica de dar sempre a impressão de que se sente desconsiderado e de que foi tratado com grande injustiça é contemplada por esse adjetivo; e as fofocas breves - fofocas não são vistas como algo bom no senso comum- estariam ligadas a injustiça, que por sua vez alude a comentários prejudiciais e cruéis.

Na última estrofe o eu lírico novamente volta-se ao sentimento interior. Ao comparar metaforicamente o coração a uma ameixa ainda não madura, murcha, expressa que está extremamente ferida(o). E ao dizer que seu coração é insignificante podemos ver como a autoestima do eu lírico está baixa. Portanto, conseguimos encontrar em “*Jilted*”, traços da melancolia freudiana, como se trata de literatura e não de psicanálise não significa que o eu lírico está doente, mas que ele está em um estado melancólico, que talvez seja superado, talvez não; e por que não luto? Porque no luto a autoestima do indivíduo não é afetada, ele não se sente “*puny*” (insignificante).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o exposto, essa pesquisa se propôs a analisar os poemas representativos da poeta estadunidense Sylvia Plath, a partir de leituras contextuais dos escritos, pelo entendimento da melancolia como matéria lírica, sinalizando os aspectos confessionais e humanizantes presentes nas tessituras poéticas. De tal modo, destacamos que os resultados esperados foram alcançados através da análise do uso estético da linguagem poética, sobretudo por meio de recursos como metáforas da vida pessoal, emoções próprias da autora, bem como através da construção de um eu lírico que exhibe uma poética discursiva que orbita a melancolia de base freudiana pela expressão da dor, da

insônia, e da baixa autoestima. Assim, elementos os poéticos tais quais: lágrimas, triste/tristeza, choro aparecem demasiadamente em alguns poemas nos dando indícios do estado do eu lírico, permitindo-nos, portanto, inferir, que sejam encontrados, nestes poemas, traços correlatos à melancolia pela tristeza e angústia. Justamente através de tais associações, a melancolia foi vista nessa pesquisa como "palavra-destroço", aquilo que nossa sociedade não deseja e, portanto, repele. Essa face associada ao negativo para a sociedade aparece nos poemas plathanos. Embora possa parecer contraditório, essa perspectiva lírica da melancolia como "palavra-destroço" humaniza o homem trazendo-o de volta a si, mostrando-o, através da poesia, que é da própria condição humana ser suscetível a passar pelas mesmas situações que o eu lírico apresenta. Aspecto que, por si, é o que ativa a reflexão sobre os assuntos individuais e coletivos, quando faz lembrar as nossas necessidades mais básicas como o amor e o sono, por exemplo.

Desse modo, através do aparato de resistência estética, como tessitura poética, a humanização pelos versos sobrevive, na medida em que permite ao homem a resignificação da sua existência como: "o exercício da reflexão, [...] o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, [...] a percepção da complexidade do mundo e dos seres" (CANDIDO, 2010, p. 117). Logo, foi possível encontrar traços melancólicos na obra lírica de Sylvia Plath que trazem aspectos humanizantes possibilitando assim a resistência da poesia nas sociedades (pós)modernas. Assim sendo, a busca por evidências representativas da melancolia, como palavra-destroço, que provoca aparências da humanidade, como categorias suplementares, embora aparentemente opostas, traduz o homem a si mesmo, de modo a revelar que é da própria condição humana que o eu lírico se retroalimenta entre aspectos autobiográficos, que por sua vez, articulam conexões entre as vivências e experiências de Plath.

Por fim, com o objetivo de melhor entender as questões do lento e contínuo processo de humanização, através da resistência confessional da lírica moderna de Sylvia Plath é possível observar a sua concepção cosmovisiva do humano, pela lente do que parece impossível: a palavra poética.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 280 p.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

BRASILEIRO, Antonio. **Da inutilidade da poesia**. Rio de Janeiro: 7Letras; UEFS Editora, 2012.

CANDIDO, Antonio. Direito a literatura. In: _____. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul. 2011.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 49, n. 90, p.207-220, jun. 2016. Semestral. Traduzido por Marilene Carone. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v49n90/v49n90a16.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2019.

DOS SANTOS, Maria Elisabeth. Melancolia na literatura: o estatuto da negatividade. In: **Poéticas da negatividade: morte e melancolia em Não entres tão depressa nessa noite escura, de António Lobo Antunes**. 2009. 166f. Tese (Doutorado Literaturas em Língua Portuguesa.) – Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_SantosEM_1.pdf. Acesso em: 15 jan. 2019.

BONDÍA, Larrosa Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de Experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Tradução de João Wanderley Geraldi. N 19. P 20-28, Jan/Abr. 2002. Disponível em: <http://online.fliphtml5.com/aruh/dfgy/#p=1>. Acesso em: 10 nov. 2019.

LIMA, Luiz Costa. **Melancolia Literatura**. Editora Unesp: São Paulo, 2017.

LOWELL, Robert. Foreword. In: Plath, Sylvia. **Ariel**. HaperPerennial: New York, 1965. p. vii-ix. Disponível em: <http://archive.org/details/ariel00plat/page/n7>. Acesso em: 16 nov. 2019.

ROLLYSON, Carl. **Ísis Americana: a vida e a arte de Sylvia Plath**. Tradução de Regina Lyra. 1. ed. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro. 310 p. Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-isis-americana-carl-rollyson-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>. Acesso em 25 set. 2018.

Sylvia Plath in: **The Poet Speaks**, ed. Peter Orr. Routledge & Kegan Paul: London, 1966.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Casac Naify, 2019.

_____. **Os signos em rotação**. Tradução: Sebastião Uchoa Leite. 4^o. ed. Perspectiva: São Paulo, 2018. 320 p. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/366265940/PAZ-Octavio-Signos-Em-Rotacao>. Acesso em: 12/11/2019.

PHILLIPS, Robert. **The confessional poets**. Carbondale and Edwardsville: 1973.

PLATH, Sylvia. **Ariel, edição restaurada e bilíngue com os manuscritos originais**. Tradução de Rodrigo Garcia Lopes e Cristina Macedo. 4ª ed. Venus Editora: Campinas, SP, 2018.

PLATH, Sylvia. **Poems selected by Diane Wood middlebrook**. Everyma's Library pocket poets. New York.

PLATH, Sylvia. **Poemas**. Tradução de Rodrigo Garcia Lopes e Maurício Arruda Mendonça. Editora Iluminuras LTDA: São Paulo. 2007.

REIMÃO; R. et al. **Segredos do sono e qualidade de vida**. Tecmedd, 2008.

Recebido em: 18/11/2019
Aprovado em: 01/12/2019